

Dissertação:

Buscando o Caminho das Pedras...

A Construção da Trajetória Profissional de Educadores de Jovens e Adultos da Rede Municipal de Sorocaba/SP.¹

Sonia Maria. C. B. Mebius

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante *investir a pessoa* e dar um estatuto ao *saber da experiência*. (Nóvoa, 1992a:25).

Busquei evidenciar nesse trabalho a importância de um processo de Educação Continuada² em Serviço para educadores e, principalmente, para aqueles que se dedicam à tarefa de alfabetizar jovens e adultos que tiveram esse direito negado na infância.

Como surgiu essa pesquisa? Surgiu a partir de algumas inquietações e análises de minha prática pedagógica. Após ter participado durante cinco anos de um processo de formação continuada em serviço e construído a minha ação docente a partir de conhecimentos adquiridos na interação com colegas professores que participavam também dessa formação, surgiu-me a indagação: por que minha experiência de formação profissional me faz entender, a literatura educacional atual enfatiza a importância da formação continuada como um processo de construção de conhecimento contínuo que deve perdurar por toda a existência profissional do indivíduo; contudo, muitos professores, que têm oportunidade de participar de um processo assim não conseguem reconhecer essa importância³?

O que pude constatar durante esse convívio é que eles, se pudessem optar, prefeririam usar o tempo da formação em serviço com os alunos na escola, pois, segundo eles, poderia ser mais produtivo insistir na reprodução/repetição pura e simples.

Foi a partir dessa indagação que surgiu meu projeto de pesquisa. Assim, fui buscar elementos que evidenciassem (ou não) esse meu questionamento e, ao analisar alguns dados, construí hipóteses e arrisquei algumas conclusões que foram apresentadas ao longo da dissertação.

O objetivo principal da pesquisa foi investigar como se configura o espaço de formação profissional de um grupo de professores que atua ou atuou na Educa-

¹ Mestrado em Educação defendido em 25.08.98 na Universidade de Sorocaba - UNISO.

² Ao usar essa expressão estou me referindo àquela educação e/ou formação que é contínua, que dura por toda a vida do indivíduo independentemente de ser desenvolvida no ensino formal ou informal. No entanto, há autores que fazem diferenciação clara entre essas expressões, como exemplo cito GIUBILEI (1993) que entende a Educação Continuada como sendo aquela desenvolvida na escola (formal) e Educação Permanente aquela desescolarizada, aquela que extrapola o aspecto formal.

³ Ao final da pesquisa fiquei convencida que os professores reconhecem essa importância sim. Eles apenas gostariam de algumas alterações no processo.

ção de Jovens e Adultos da Rede Municipal de Ensino de Sorocaba/SP e participa ou participou de um processo de formação continuada em serviço.

No meu entender, na Educação de Jovens e Adultos, esse processo torna-se indispensável, porque vai ser nesse espaço, nesse *locus* de formação, que o profissional vai adquirir os conhecimentos necessários para a construção de sua trajetória profissional com esse tipo de clientela. Isso porque nem no Magistério (Ensino Médio) nem mesmo na graduação a problemática do adulto é abordada, e, se porventura ocorre, é demasiadamente superficial, não dando condições desse professor desenvolver um bom trabalho com essas pessoas.

Assim, o educador de jovens e adultos se constitui como tal: na prática; na interação com os colegas professores, com os seus coordenadores, com seus alunos; nas trocas de experiências que são propiciadas nesse espaço de formação em serviço; e refletindo na e sobre a sua ação.

Daí a importância de um processo contínuo e não apenas treinamento, capacitação, atualização, etc., que geralmente tem duração de uma semana e a partir disso se imagina que o professor está pronto para exercer a sua função.

O argumento mais contundente em favor da proposição de que a educação profissional continuada é uma necessidade implica compreender que estamos vivendo uma época de transição de paradigmas, na qual verdades e certezas absolutas estão cedendo lugar às incertezas, à provisoriabilidade, à transitoriedade. O mundo se transforma a cada dia: novas teorias são construídas, aparelhos são inventados, descobertas são feitas, enfim, o progresso da sociedade contemporânea parece se tornar mais acelerado ao final de século XX, no limiar do terceiro milênio.

Diante desse processo de evolução, fica a convicção de que o conhecimento é tão provisório quanto inacabado e infinito. Se é assim, qualquer profissional precisará sempre aprender algo mais, ou mesmo reformular o seu conhecimento de acordo com as novas descobertas, com os novos tempos.

Partindo dessas premissas, é possível afirmar que a graduação, muito provavelmente, não pode dar conta das rápidas e diferentes mudanças que vêm ocorrendo no mundo. No âmbito educacional, por exemplo, acredito que, por melhores que sejam, os cursos de formação ainda não conseguem, nesse espaço de tempo, formar o profissional professor capaz de compreender a complexidade do ato pedagógico. As transformações dessa área também são constantes. São mudanças de conteúdo programático, em decorrência do avanço das ciências e da tecnologia; de teorias que alicerçam essa prática. Enfim, os professores constantemente enfrentam conflitos, diversidades e alterações em seu espaço de trabalho (Perrenoud, 1993) que, certamente, não são passíveis de tratamento e consolidação no tempo inicial de formação docente.

O profissional da educação que geralmente desempenha sua função durante 25 ou 30 anos foi preparado em cursos de formação profissional cuja duração inicial, na maioria das vezes, não chega a 1/6 desse tempo de exercício. Esse fato também justificaria a necessidade de um processo de formação continuada em serviço desses profissionais.

O trabalho teve a seguinte estrutura: introdução, três capítulos e considerações finais.

O capítulo I — “Perspectivas Diferenciadas de Formação de Professores” — consiste de uma apreciação dos “modelos” de formação de professores. Explícitei a idéia do professor como prático reflexivo, uma vez que parece ser este o tipo de

profissional exigido na atualidade e também para o futuro próximo. Entrando na formação em serviço, procurei pontuar a importância da educação continuada para, em seguida, analisar alguns termos e concepções subjacentes e/ou implicados nesse contexto e, assim, chegar a uma definição passível de ser por mim assumida. Fui buscar na história a origem desses termos, mas, em função do meu “olhar”, tratei de levar em conta o significado das palavras envolvidas. Também analisei a situação atual do professorado no Brasil e questionei o tipo de “formação em serviço” que eventualmente é oferecida aos professores.

No Capítulo II — “A Educação de Jovens e Adultos” — comecei fazendo uma radiografia da situação atual sobre o analfabetismo, para, em seguida, buscar entender quem é esse jovem e adulto que está na escola. Por fim, fiz um relato histórico do curso Alfa-Vida e uma análise da Lei 9394/96 no que se refere a esse tipo de educação.

No Capítulo III — “Trajetórias” —, descrevo minha trajetória profissional e a dos educadores – sujeitos dessa pesquisa.

As considerações finais encerraram a exposição do trabalho.

Concluindo, diria que minha contribuição com este trabalho foi no sentido de apontar para a necessidade de um processo de formação/educação continuada para professores, principalmente para educadores de jovens e adultos.

Os sujeitos dessa pesquisa foram educadores de jovens e adultos que atuam ou atuaram num Curso de Suplência I mantido pela Prefeitura Municipal de Sorocaba e que desde a sua implantação, em 1990, destina horas semanais⁴ remuneradas para a formação contínua de seus professores.

Entrevistei alguns professores desse curso para saber o que acham das reuniões pedagógicas de que participam semanalmente, se elas contribuem para sua trajetória profissional. Obtive depoimentos como:

Na primeira semana de aula, a gente fica completamente perdido, sem saber o que fazer. Chega na classe cheia de adultos e sabe que não pode dar atividades de crianças, mas também não sabe o que pode trabalhar. A partir das reuniões é que a gente vai vendo como os professores mais antigos trabalham. Então, começamos a montar o nosso trabalho em cima daquelas experiências que os professores já têm. Foi nos encontros semanais (reuniões pedagógicas) que fui adquirindo mais experiência. (...) Assim comecei a construir o meu trabalho que a cada dia vai se edificando com mais firmeza. (Retirado da entrevista do professor F).

Quando ingressei nesse curso, eu nunca havia lecionado e não tinha nenhuma prática. Foi participando dos encontros semanais, foi pedindo ajuda, foi acertando, foi errando, que fui construindo o que sou hoje. (Retirado da entrevista da professora V).

Eu vejo as reuniões pedagógicas como uma coisa boa para o crescimento profissional dos educadores. (Retirado da entrevista da professora R).

Os 5 professores entrevistados e mais os 34 que responderam a um questionário admitem que essas reuniões semanais contribuíram e contribuem para suas trajetórias profissionais no âmbito da Educação de Jovens e Adultos. No entanto, acham que são muitas reuniões e reclamam da rotina dos encontros. Há, dessa forma, necessidade de (re)pensar esses momentos de formação em serviço para melhor atender às expectativas dos educadores de jovens e adultos do Município de Sorocaba/SP.

⁴ Até 1993 destinavam-se 8 horas semanais (remuneradas) para reuniões pedagógicas, e a partir dessa data passaram a ser 4 horas semanais.

Ficha catalográfica

QUAESTIO: Revista de Estudos de Educação.

v. 1, n.1 (Maio 1999) - Sorocaba, SP: UNISO, 1999.

Semestral

1. Periódicos. 2. Universidade de Sorocaba.